

Lição 15: Dois erros são excluídos. O que é realmente necessário para constituir uma definição segundo o método da divisão?

“a6. Definir e dividir— a7. No entanto, alguns sustentam— a11. Agora, em primeiro lugar— a13. Em segundo lugar, quando alguém— a19. Além disso, postular— a23. Ao estabelecer uma definição— a25. A primeira é viável— a28. A ordem correta será— a34. Nosso procedimento torna— b1. Pois é claro

Após apresentar a verdade sobre a divisão do gênero utilizada na definição, o Filósofo aqui exclui dois erros. Quanto ao primeiro, faz três coisas:

Primeiro (97a6), ele exclui o erro e diz que não é necessário que aquele que define por divisão conheça todas as coisas que existem no mundo.

Segundo (97a7), ele expõe a opinião daqueles que cometem esse erro. Pois alguns disseram que não é possível conhecer a diferença entre uma coisa e todas as outras, a menos que todas as outras sejam conhecidas, como é evidente em relação a duas coisas dadas, cuja diferença não podemos conhecer a menos que conheçamos ambas as coisas. No entanto, acrescentaram que a quiddidade de algo não pode ser conhecida, a menos que a diferença entre ela e tudo o mais seja conhecida. Pois aquilo em que algo não é diferente é idêntico a ele, enquanto aquilo pelo qual algo difere é outro que não ele. Mas não podemos saber o que uma coisa é, a menos que saibamos o que é o mesmo que ela e o que é outro que não ela. De acordo com isso, portanto, concluíram que algo não pode ser conhecido a menos que tudo seja conhecido.

Terceiro (97a11), ele refuta o que dizem de duas maneiras. Primeiro, destrói a afirmação segundo a qual se diz que aquilo pelo qual algo difere é algo outro. Pois estamos falando agora sobre o que é o mesmo e o que é outro segundo a essência que a definição significa. Mas é óbvio que, mesmo na mesma espécie, há muitas diferenças acidentais que nem diversificam a substância da espécie que a definição significa, nem estão nela per se. Portanto, segue-se que nem toda diferença torna algo outro de tal modo que precise ser conhecida para que se defina.

Segundo (97a13), ele refuta de outra maneira. Pois, uma vez que aquele que se propõe a definir por divisão deve tomar diferenças opostas de tal modo que tudo o que está contido sob o todo dividido caia sob este ou aquele membro da divisão, e deve subsumir sob um ou outro dos membros aquilo cuja definição se busca (se ele sabe que a coisa que pretende definir está contida sob aquele membro da divisão), então não faz diferença, para o seu propósito, se ele conhece ou não conhece as coisas das quais as diferenças opostas poderiam ser predicadas. Por exemplo, se eu divido animal em racional e irracional, e suponho que o homem está contido sob animal da maneira que propusemos, não é necessário que eu conheça as coisas das quais irracional é predicado ou como elas diferem umas das outras. Pois é óbvio que, se alguém procede dessa maneira, ou seja, dividindo o gênero em suas primeiras diferenças e tomando o definido [coisa sendo definida] como subsumido sob um dos membros e então dividindo até que se chegue a certos itens que não podem mais ser divididos por diferenças essenciais, então, procedendo dessa maneira, ele terá a definição da substância que buscava.

Portanto, as pessoas mencionadas acima se iludiram por não distinguirem entre algo em comum e em detalhe. Pois é exigido daquele que sabe o que algo é que ele conheça todas as coisas em comum, mas não em detalhe. Por exemplo, aquele que sabe o que é o homem deve saber que é por ser animal que o homem se distingue de todas as coisas que não são animais, e por ser racional que o homem se distingue de todas as coisas que não são racionais. Mas não é necessário que ele saiba nada mais sobre essas outras coisas além do que está incluído na noção geral de não animal ou irracional.

Então (97a19), ele exclui o segundo erro. Pois alguém poderia acreditar que quem usa a divisão para definir deve supor que o todo inteiro está contido sob os membros da divisão. Mas ele diz que isso não é necessário, se os opostos pelos quais a divisão é feita são imediatos; porque o todo dividido está necessariamente contido sob um dos opostos, desde que as primeiras diferenças do gênero tenham sido tomadas. Pois diferenças que são imediatas quando comparadas a um gênero inferior não são imediatas se comparadas a um gênero superior. Por exemplo, par e ímpar são imediatos se comparados ao número, do qual são diferenças próprias, mas não se comparados à quantidade.

Então (97a23), após rejeitar as coisas que não são necessárias nas divisões do definido, ele mostra o que é realmente necessário. Primeiro, propõe o que pretende. Segundo, manifesta sua proposta (97a25).

Ele diz, portanto, primeiramente (97a23) que, para obter um termo, i.e., uma definição, pelo método da divisão, três coisas devem ser observadas: primeiro, que as coisas que são tomadas sejam predicadas no quod quid; segundo, que sejam dispostas segundo o que é primeiro e o que é segundo; terceiro, que tudo o que é tomado pertença ao quod quid e que nada seja omitido. Em

seguida (97a25), ele manifesta sua proposta. Primeiro, mostra como essas três regras podem ser observadas. Segundo, mostra que é suficiente observar essas três regras (97b1).

Quanto ao primeiro ponto, ele faz três coisas. Primeiro (97a25), mostra como a primeira regra é observada, dizendo que esta (a saber, que se tomem coisas que são predicadas no quod quid) é observada, antes de tudo, pelo fato de que uma pessoa pode formar silogismos para mostrar que o que é assumido está na coisa (como se faz quando há disputa sobre se algo é um acidente); segundo, para mostrar que é predicado no quod quid (como se faz quando há disputa sobre um gênero).

Em segundo lugar (97a28), ele mostra como a segunda regra é observada, a saber, que haja uma ordenação correta das partes. E ele diz que as partes de uma definição são dispostas como devem, se alguém toma o que é primeiro – e ele fará isso, se primeiro tomar aquilo que está implícito nas outras coisas que são tomadas depois, e não o contrário. Pois isso é mais comum e anterior. Mas tal coisa deve ser tomada na definição como um gênero, como quando se afirma que o homem é um animal, bípede e que anda. Pois, se ele é um bípede que anda, ele é um animal; mas não vice-versa. Portanto, quando tiver tomado o animal como primeiro, o mesmo método deve ser observado na disposição dos outros itens. Pois o segundo item a ser empregado na definição será aquele que, segundo a descrição anterior, for o primeiro entre todos os outros; da mesma forma, o terceiro item a ser tomado será aquele que é o primeiro em relação aos itens tidos, i.e., seguintes. Pois sempre acontecerá que, quando o item mais geral tiver sido removido, aquilo que é tido, i.e., o que segue imediatamente, será verdadeiro em relação a todos os outros itens, digamos um quarto e um quinto, se tantas partes forem necessárias para a definição.

Em terceiro lugar (97b4), ele mostra como a terceira regra pode ser observada. E ele diz que será óbvio que todos os itens pertencentes ao quod quid estão presentes na definição segundo o método mencionado, porque, quando dividimos o gênero, tomamos suas primeiras diferenças, sob as quais o dividido está contido universalmente; por exemplo, que todo animal é isto ou aquilo, i.e., racional ou irracional, e assumimos que o que pretendemos definir é isto, i.e., racional. E novamente tomamos este todo, a saber, animal racional, e o dividimos por suas diferenças próprias; mas quando chegamos à diferença última, será impossível dividir por outras diferenças específicas, mas, assim que a diferença última é adicionada, a coisa cuja definição está sendo buscada não diferirá em nada do todo reunido, i.e., da descrição formada por todas as partes que foram tomadas. Assim, o homem não difere especificamente de nenhum daqueles de quem se predica animal racional mortal.

Em seguida (97b1), ele mostra que a observância das três regras mencionadas é suficiente para definir, porque a definição não terá nem mais nem menos do que deveria. Que não foi atribuído mais do que deveria é óbvio a partir da primeira regra, a saber, porque as únicas coisas aceitas são itens predicados no quod quid; e era necessário aceitar tais coisas. Da mesma forma, ficará claro que nada foi omitido. Pois pode faltar o gênero ou a diferença. Mas que o gênero não falta é claro a partir da segunda regra; pois a primeira coisa tomada foi o item sem o qual os outros não existem, e que pode existir sem os outros: e este é o gênero. E com o gênero, as diferenças foram então tomadas. Mas que todas as diferenças foram tomadas é óbvio a partir da terceira regra, pois não pode haver nenhuma diferença subsequente tomada após aquela sobre a qual dissemos que não tem diferença; caso contrário, seguir-se-ia que o que havia sido admitido como último ainda

diferiria por uma diferença essencial, enquanto se havia dito que ele não tem uma diferença.

Da mesma forma, é óbvio a partir do que foi dito que nenhuma diferença foi omitida no meio tempo, a saber, porque as primeiras diferenças são sempre tomadas. Portanto, resta que, para definir, é suficiente que as três regras mencionadas sejam observadas.

Revision #2

Created 20 September 2026 17:52:26 by Admin

Updated 20 September 2026 23:13:47 by Admin